

## **“Hitler me disse”: considerações sobre a relação do nazismo com crenças ocultistas ao longo do século XX**

Marcos Eduardo Meinerz<sup>1</sup>

**Resumo:** Persiste na atualidade uma ideia, estimulada por certo gênero sensacionalista de literatura (principalmente teóricos da conspiração), de que os nazistas e o seu líder, Adolf Hitler, eram inspirados por agentes ocultos e das trevas que operavam na Alemanha e em toda a Europa antes mesmo de seu advento ao poder na década de 1930. Este fato resultou em grande fascínio pós-guerra no que diz respeito a uma suposta ligação com, por exemplo, crenças ocultistas, saberes esotéricos e com seres de outro mundo. Para observador iniciante o Nacional-Socialismo frequentemente é tido como um misterioso interlúdio da história. Mas, até que ponto as ideias ocultistas e esotéricas influenciaram, de fato, o pensamento de Hitler e dos nazistas? Para responder essa questão, objetivou-se analisar as características das ideologias nacionalistas e das crenças ocultistas formadas no final do século XIX e início do XX, que enraizaram na sociedade alemã ideias racistas e míticas (superioridade da raça ariana) “preparando o terreno” para a formação ideológica do partido Nacional-Socialista. Além disso, buscou-se compreender como essas questões influenciaram no processo de transformação do Nazismo em mito após o término da Segunda Guerra Mundial, por escritores ocultistas e por teóricos conspiratórios. Do ponto de vista teórico-metodológico, apoiamos-nos nos estudos de Pierre Ansart e Raoul Girardet sobre as paixões e os mitos políticos.

**Palavras-chave:** nazismo; ocultismo; teorias conspiratórias; esoterismo.

### **“Hitler told me”: considerations on the relationship between nazism and occult beliefs throughout the twenty-century**

**Abstract:** An idea persists today, stimulated by a certain sensationalist genre of literature (mainly conspiracy theories), that the Nazis and their leader, Adolf Hitler, were inspired by occult and dark agents who operated in Germany and throughout Europe even before its advent to power in the 1930s. This fact evolved into a great post-war fascination with regard to a supposed connection with, for example, occult beliefs, esoteric knowledge and beings from another world. For beginning observers, National Socialism is often seen as a mysterious interlude in history. But to what extent did occult and esoteric ideas actually influence the thinking of Hitler

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutor em História pela UFPR. Docente da Universidade do Paraná. E-mail: [markosmeinerz@gmail.com](mailto:markosmeinerz@gmail.com)

and the Nazis? To answer this question, the aim was to analyze the characteristics of nationalist ideologies and occult beliefs formed in the late 19th and early 20th centuries, which rooted racist and mythical ideas in German society (superiority of the Aryan race) “preparing the ground” for the ideological formation of the National Socialist party. In addition, we sought to understand how these issues influenced the process of turning Nazism into a myth after the end of World War II, by occult writers and conspiracy theorists. From a theoretical-methodological point of view, we base ourselves on the studies of Pierre Ansart and Raoul Girardet on political passions and myths.

**Keywords:** nazism; occultism; conspiracy theories; esotericism.

## Introdução

Não é de hoje que o Nazismo chama a atenção de um grande público, seja de cientistas da área das humanidades, seja do público em geral. Para entendermos a fascinação que esse passado exerce no imaginário ocidental, mesmo quase oitenta anos depois do final da Segunda Guerra Mundial, torna-se imprescindível navegarmos por uma emaranhada mitologia formada antes mesmo do “*Reich* de mil anos” começar: a presença de crenças ocultistas e esotéricas no cerne da sociedade alemã, tais como a Ariosofia, Teosofia, Ordem dos Germanos, Sociedade Thule e a Sociedade Edda<sup>2</sup>; os elementos mitológicos presentes nas ideologias dos movimentos nacionalistas *völkisch* e pangermânico da Alemanha, e como eles influenciaram pensamento nazista; como os nazistas incorporaram certos aspectos mitológicos à sua história; e como essas questões influenciaram no processo de transformação do Nazismo em mito após a guerra por escritores ocultistas e por teóricos conspiratórios.

---

<sup>2</sup> Uma breve contextualização sobre essas crenças ocultistas: Teosofia é uma filosofia religiosa esotérica que surgiu no século XIX e se refere ao conhecimento direto da divindade e da natureza da realidade. Os teosofistas acreditam na existência de um conhecimento oculto que pode ser adquirido por meio da meditação, da contemplação e da prática espiritual; Ariosofia é uma doutrina esotérica que surgiu na Alemanha na primeira metade do século XX. Acreditavam na superioridade da raça ariana, que seria uma raça superior, de origem divina, que teria sido responsável por grandes realizações na história da humanidade; A Ordem dos Germanos foi uma organização secreta fundada em 1912 na Alemanha, que tinha como objetivo preservar e propagar as tradições e valores germânicos, bem como promover o nacionalismo alemão e a expansão do império germânico; A Sociedade Thule foi uma organização secreta fundada em 1918 na Alemanha, que teve como objetivo promover o nacionalismo alemão e defender a pureza da raça alemã e o antissemitismo; Sociedade Edda reiterava que a mistura das raças era prejudicial aos arianos e somente a eugenia e a segregação poderiam reverter a infecção racial do mundo.

Compreender o Nazismo em sua plenitude significa perceber que não foi simplesmente um movimento político. Para entendê-lo, precisamos entrar nas complexas crenças que eles seguiam, que muitas vezes fogem ao nosso padrão de racionalidade, tais como o ocultismo, crenças conspiratórias, tradições europeias racistas e antissemitas. Essas práticas podem ser melhor compreendidas a partir de uma análise que leva em consideração o campo das afetividades, pois, assim como o nacionalismo, o fascismo é um mobilizador de afetividades e, em certos aspectos, está mais para uma religião do que para um movimento político. As suas ideias contribuíam para que as pessoas dessem sentido a uma realidade compreendida como inóspita e confusa, racionalizassem suas dificuldades e aliviassem parcialmente seus sentimentos de impotência. Deste modo, tentavam atrair o povo para uma participação ativa na mística nacional por meio de ritos e festivais, mitos e símbolos que davam uma expressão concreta à vontade geral. Por exemplo, Hitler era considerado um “Messias”, aquele que possuía a missão de acabar com a degeneração moral que atrapalhava o êxito do povo alemão, garantindo a sua purificação racial e cultural.

Para Roger Griffin a natureza de um sistema fascista está na manutenção de uma cultura política revolucionária, baseada em mitos palingenéticos (ou seja, de renascimento fenixiano) da nação, impregnados na história e na cultura dos países nos quais os movimentos cresceram. “O culto ultranacionalista popular aos mitos de renascimento da nação, baseado em uma liturgia ritualística, postula o autor, também fez do fascismo uma religião política”.<sup>3</sup> Como uma “religião política”, o fascismo mobiliza todas as energias sociais e políticas consideradas “saudáveis” para criar uma resistência contra uma possível “decadência” nacional, por meio de um projeto que envolve a regeneração tanto da cultura política e social, quanto da cultura ética que a sustenta.<sup>4</sup> Dessa forma, ao entender o fascismo como uma religião mobilizadora das afetividades, precisamos compreender cientificamente

---

<sup>3</sup> ATHAIDES, Rafael. O fascismo genérico e o Integralismo: uma análise da Ação Integralista Brasileira à luz de recentes teorias do fascismo. In: **Diálogos** (Maringá. Online), v. 18, n.3, p. 1305-1333, set.-dez./2014. p. 2.

<sup>4</sup> GRIFFIN, Roger; FELDMANN, Mathew (Orgs.). **Fascism: Critical Concepts in Political Science**. vol 1. Londres: Routledge, 2004.

“as suas crenças, por mais absurdas que sejam, e não acreditar e concordar com elas”.<sup>5</sup>

De acordo com Pierre Ansart, a dimensão afetiva da vida política, os sentimentos comuns, as paixões coletivas que participam das práticas políticas constituem um domínio de difícil conhecimento. Para ele é impossível dar conta da experiência concreta dos agentes da história, como a vivenciam ou a sofrem, sem levar em consideração os sentimentos públicos e políticos: a intensidade de uma emoção coletiva e suas consequências, a persistência de um apego e a violência de um amor ou de ódios políticos, por exemplo.<sup>6</sup>

Uma das primeiras pensadoras a dar atenção às paixões e às sensibilidades no atuar político foi Hannah Arendt que colocou em evidência os sentimentos coletivos que se cristalizavam, por exemplo, no antissemitismo, no racismo e na adoração ao líder, acontecimentos tão ou mais importantes que ideologias, doutrinas e instituições. De acordo com Marion Brepohl de Magalhães, o estudo dos sentimentos e das sensibilidades se justifica por razões epistemológicas e por acontecimentos contemporâneos: os ódios públicos, as paixões revolucionárias, o fenômeno do engajamento, os mitos de unidade irracionais, tão decisivos na ação política quanto as sociabilidades entretecidas a partir do pensamento organizado.<sup>7</sup>

No Brasil, existem poucos trabalhos historiográficos dedicados a estudar a influência de crenças ocultistas e esotéricas na formação do pensamento Nacional-Socialista. Podemos destacar a tese de doutorado em psicologia de Ricardo José Barbosa da Silva que consiste em uma análise psicossocial das relações entre a ideologia nazista e o esoterismo alemão, sobretudo no que diz respeito ao mito racial ariano.<sup>8</sup> Também temos o trabalho de conclusão de curso de Tiago Henrique da Luz que investiga o lado despercebido, “oculto” do movimento nazista: elementos lendários, entre a história, a religião e o misticismo, presentes na cultura

---

<sup>5</sup> BERTONHA, J.F. **Nazismo, ocultismo e conspirações**. História Unisinos, 2007, vol 11, nº 3, 381-384. p. 382.

<sup>6</sup> ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

<sup>7</sup> BREPOHL DE MAGALHÃES, Marion. **Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880/1945**. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 109. p. 30.

<sup>8</sup> BARBOSA DA SILVA, José. **História invisível: uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do Nacional-Socialismo**. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, 2009.

e na política alemã do início do século passado.<sup>9</sup> Por último, em 2013, Marcos Guterman defendeu sua tese de doutorado na qual analisa o processo de inversão moral que, combinado ao nacionalismo e o racismo, levou a Alemanha a cometer crimes sem paralelo na história. Guterman discute como uma sociedade “sofisticada e desenvolvida” se deixou envolver pela ideia de que a sua sobrevivência dependia da destruição dos povos que não integravam seu ideal de humanidade. Nesse caminho, deu ênfase ao papel do pensamento *völkisch* (que misturava nacionalismo e romantismo) e ao papel da burocracia do estado que transformou o assassinato em uma tarefa como qualquer outra, aliviando consciências e viabilizando o genocídio.<sup>10</sup>

Este artigo, em vista disso, analisou um tema simultaneamente importante e delicado: a suposta relação do Nazismo com crenças ocultistas e como esse fato influenciou na sua transformação em mito no imaginário ocidental após o término da Segunda Guerra Mundial, por meio de escritores ocultistas e teóricos conspiratórios. Ou seja, a ideia de que Hitler teria sido influenciado por forças ocultas e das trevas com o objetivo de adquirir poderes sobrenaturais para dominar o mundo.

Para tanto, foi imprescindível trazer ao longo da discussão os estudos que fizeram contribuições significativas e reconhecidas no campo de pesquisas sobre a suposta relevância do ocultismo como chave de compreensão do Nazismo. A temática é, desde os anos de 1930, objeto de atenção tanto de escritos especulativos e sensacionalistas quanto de estudos reconhecidos no campo de pesquisas sobre o Nacional-Socialismo. Além disso, é um tema altamente relevante para a reflexão sobre o papel dos mitos na construção de explicações sobre o passado (em especial de coisas que são publicamente tomadas como “inexplicáveis” ou não passíveis de uma análise científica).

---

<sup>9</sup> LUZ, Tiago. **Nazismo e misticismo alemão no início do século XX**. Monografia (História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

<sup>10</sup> GUTERMAN, Marcos. **A moral nazista**: Uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013.

Na primeira parte do texto, analisamos as ideologias e as crenças existentes no contexto germânico do final do século XIX e início do XX. Posteriormente, analisamos a relação do nazismo com o ocultismo e sua transformação em mito conspiratório após a Segunda Guerra Mundial.

### **O pangermanismo e o movimento *völkisch***

As origens das crenças esotéricas e ocultas, como a Ariosofia e a Teosofia, podem ser traçadas nas condições políticas, culturais e econômicas predominantes na Prússia e na Áustria em meados do século XIX. Ou seja, durante o processo histórico da unificação política dos estados germânicos, quando os alemães passaram a conceber cada vez mais a unidade nacional em termos culturais. Essa tendência começou no final do século XVIII, quando escritores do movimento pré-romântico *Sturm* e *Drang* (movimento contrário à razão iluminista que pregava o retorno da Alemanha a uma Idade de Ouro) expressaram a identidade comum de todos os germânicos em canções populares, em costumes e na literatura. Nessas produções, era invocada a ideia de Alemanha medieval para provar suas reivindicações de unidade espiritual, mesmo que nunca houvesse uma unidade política do país no período. Essa ênfase no passado e nas tradições conferiu um forte caráter mitológico sobre a causa da unificação, porém a imagem idealizada e romântica de uma Alemanha rural e medieval sofreu com as medidas econômicas adotadas pelo *II Reich* (1871 – 1918), que rapidamente modernizou e industrializou o país. Para muitos que observavam suas comunidades tradicionais destruídas pela disseminação de cidades e indústrias, as fundações míticas da unidade nacional começaram a ser ameaçadas.

Esse sentimento antimodernista resultou na rejeição do liberalismo e do racionalismo, enquanto paradoxalmente “emprestou” conceitos científicos da Antropologia, da Linguística e da teoria da evolução de Darwin para provar a superioridade da raça germânica frente a outras etnias que estariam ameaçando a sua existência. Desta forma, um conjunto de qualidades morais estava relacionada com características raciais: os arianos tinham olhos azuis, cabelos loiros, altos e proporcionais e eram nobres, honestos e corajosos. Esse pensamento racial

facilitou o fortalecimento do antissemitismo político (raivoso e conservador), que culpava os judeus pelo colapso das instituições e dos valores tradicionais dos germânicos, como também advertia que eles não eram somente uma comunidade religiosa, mas eram biologicamente diferentes das outras raças.

Os temores, os medos e as aspirações dos alemães frente a esse cenário, levaram à formação de dois pensamentos nacionalistas altamente influentes no cenário político do país: o pangermanismo e o *völkisch*. De acordo com Guterman, o nacionalismo *völkisch* (expressão que servia como termo genérico para reunir as diversas correntes de direita nacionalistas e antissemitas da Alemanha) formado no século XIX e disseminado principalmente entre aqueles frustrados com os resultados da Unificação da Alemanha em 1871, tentava elevar a consciência nacional e cultural dos alemães, pois seus adeptos compreendiam que a política havia criado uma sociedade artificial que buscava somente os ganhos materiais da Revolução Industrial, contrária à “cultura” alemã, esta sim, a verdadeira e atemporal guardiã da alma germânica. A base da ideologia *völkisch* era composta por um nacionalismo extremo; noções místicas de uma ordem social germânica unitária baseada na disciplina, na harmonia e na hierarquia; darwinismo social; expansão imperialista para o Leste a fim de garantir a sobrevivência nacional; pureza racial; e erradicação do arqui-inimigo da germanidade, isto é, o “espírito da judiaria”. Importante destacar que esse sistema de pensamento nacionalista adentrou profundamente no sistema educacional alemão, encorajando os jovens a preparar o corpo para lutar contra o “estrangeiro” com o objetivo de manter a “cultura alemã” – considerando-se aí o “estrangeiro” como aquele que não integrava a *Volk*, que significava muito mais do que “povo”: era a comunidade restrita de genuínos depositários das tradições medievais germânicas.<sup>11</sup>

Nicholas Goodrick-Clarke estima que por volta de 1900, mais de cento e cinquenta mil pessoas eram influenciadas diretamente pela propaganda ideológica *völkisch*, que era disseminada por meio de publicações de panfletos e artigos de

---

<sup>11</sup> GUTERMAN, Marcos. **A moral nazista**: Uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

caráter racista e antissemita. Quando Hitler entrou para o Partido Nazista, havia mais de 70 grupos inspirados nessa ideologia. Os seus seguidores acreditavam que os problemas do contexto industrial somente seriam exorcizados com o retorno à comunidade germânica medieval, aos deuses teutônicos anciões e à uma sociedade livre da intromissão dos corruptos estrangeiros considerados culturalmente e moralmente inferiores. A função do Estado germânico era administrar em nome do povo e tudo que dizia respeito ao âmbito internacional era considerado inferior e, portanto, deveria ser rejeitado. Além disso, boa parte da extrema direita *völkisch* era caudatária não das formulações do nacionalismo liberal, mas sim daquelas de um Estado forte, centralizado e belicista.<sup>12</sup>

O pangermanismo, por sua vez, foi um poderoso movimento nacionalista de inspiração imperialista que também desempenhou papel central no nacionalismo alemão. Segundo Guterman, era essencialmente *völkisch* e pôde disseminar livremente essa ideologia até, pelo menos, 1939 quando começou a Segunda Guerra Mundial.<sup>13</sup> Operando em um contexto mais político, os ideais pangermanistas não eram apenas caracterizados pelo conceito de unidade nacional e reforma social, ambos baseados em princípios jurídicos e culturais. Sua particularidade essencial era o racismo, isto é, a ideia que o sangue era o único critério de todos os direitos civis. De acordo com Marion Brepohl de Magalhães, o movimento pangermanista consolidou-se a partir da década de 1890, quando suas ambições políticas se tornaram mais declaradas. A “Liga Pangermânica” atraía tanto intelectuais como Max Weber e Theodor Fischer, quanto militantes que se apoiavam em ideias dos românticos do início do século XIX. Contavam com o apoio de algumas entidades e partidos nacionalistas como a Sociedade Alemã Colonial (*Deutsche Kolonialgesellschaft*), a Liga pela Germanidade no Exterior (*Verein für das Deutschtum im Ausland*) e o Partido Popular Nacional Alemão (*Deutsche Nationale Volkspartei*) que tinham como principais objetivos a divulgação dos planos expansionistas da germanidade, a união integral da germanidade em todo

---

<sup>12</sup> GOODRICK-CLARKE, Nicholas. **Sol negro**: cultos arianos, nazismo esotérico e políticas de identidade. São Paulo: Madras, 2004.

<sup>13</sup> GUTERMAN, Marcos. *Ibidem*, 2013.

o mundo, a campanha em favor da germanidade no exterior e a luta contra as minorias nacionais.<sup>14</sup>

Os ideais desses movimentos nacionalistas promoveram o fortalecimento da mitologia e do folclore germânico, e corroboraram com a formação ideológica do Nazismo. Contudo, no contexto do final do século XIX e início do XX, a Europa passou por um reavivamento de inúmeras sociedades dedicadas às práticas esotéricas, místicas e ocultas que tinham sido amplamente banidas, mas nunca deixado de existir, do pensamento ocidental pela revolução científica do século XVII e pela racionalidade do pensamento Iluminista do século XVIII. Nesse ambiente, em 1875, surgiu a Teosofia, crença ocultista fundada originalmente em Nova York por Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), considerada uma das mais importantes ocultistas do século XIX.

### **A Teosofia na Alemanha**

Ligada à tradição ocultista e às religiões orientais, Teosofia significa um conjunto de doutrinas religiosas e místicas, frequentemente incorporadas de reflexões filosóficas, que buscam o conhecimento da divindade para alcançar a elevação espiritual. A Sociedade Teosófica fundou fortes grupos nacionais na Alemanha, na Índia, nos Estados Unidos, na Inglaterra e em vários outros países da Europa durante o final do século XIX e nas primeiras décadas do XX. O relativo sucesso do movimento deveu-se a redescoberta de antigos saberes fundamentados nas “tradições egípcias e hindus, atraentes para as pessoas do mundo anglo-americano que se sentiam perturbadas pelo crescimento do agnosticismo e pelos desafios da ciência moderna”.<sup>15</sup>

A fundadora sociedade, a russa Helena Blavatsky pertencia alta aristocracia russa, sendo filha do coronel czaristas Pyotr Alekseyevich Gan e Elena Andreyevna Fadeyeva escritora de romances. Depois de abandonar seu marido, o General Nikifov Blavatsky, de quem herdou o sobrenome, teria viajado para o Oriente, Ásia

---

<sup>14</sup> BREPOHL DE MAGALHÃES, Marion. **Pangermanismo e nazismo**: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Curitiba: Samp, 2014.

<sup>15</sup> GOODRICK-CLARKE. Op. Cit. p. 106.

Central, Índia, África, América Central, América do Sul, Europa e Estados Unidos, lugares onde supostamente conheceu e estudou várias seitas e rituais secretos: dos *drusos* muçulmanos no Oriente Médio; dos *dervixes* turcos; *vodus* africanos; e dos *yamabushi* japoneses. Porém, nada disso se compararia aos sete anos que havia “passado em um vale oculto na cordilheira do Himalaia, no Tibete, onde teria sido iniciada por uma comunidade de mestres espirituais que lhe ensinaram uma antiga sabedoria que revelava muitos dos mistérios do universo”.<sup>16</sup> Entretanto, segundo Goodrick-Clarck essa trajetória dificilmente é verdadeira, pois não existem provas ou testemunhas que confirmem a história. Afirma também que nenhuma pessoa sem experiência em montanhismo teria feito a árdua viagem até o Himalaia e encontrado esses mestres ocultos sem ser vista pelas patrulhas chinesas, russas e britânicas que estavam na região na segunda metade do século XIX.<sup>17</sup>

Depois desses supostos contatos, Blavatsky publicou em 1877 o seu primeiro livro, intitulado “*Ísis Sem Véu*”, no qual expõe os princípios da Teosofia, além de narrar a história do ocultismo egípcio que teria sido a ela ditado por seres espirituais. Defendendo que o ocultismo deveria ser aceito pela ciência ortodoxa, o livro teve sua primeira edição esgotada em dez dias devido ao efeito por ele produzido de acalmar as mentes daqueles cuja fé religiosa tinha sido prejudicada pelas mudanças do período, em particular as teorias da evolução e da seleção natural de Darwin. A crítica especializada (de acadêmicos na maioria) rapidamente atacou a obra por incompetência intelectual e plágio.<sup>18</sup>

Mas, isso não abalou Blavatsky. Em 1888 escreveu a sua obra “chave” sobre a Teosofia, na tentativa de esclarecer alguns problemas teóricos da doutrina proporcionados por seu primeiro livro. A “*Doutrina Secreta*”, que pretende contar nada mais do que a história do universo e da vida inteligente, teria sido produzida com base em informações contidas no hipotético manuscrito secreto e milenar chamado “Estâncias de Dzyan”, encontrado pela autora em um monastério subterrâneo no Himalaia. Segundo Blavatsky, esse manuscrito conta como a Terra

---

<sup>16</sup> BARBOSA DA SILVA, José. Op. Cit. p. 90.

<sup>17</sup> GOODRICK-CLARKE. Op. Cit.

<sup>18</sup> BAKER, Alan. **Invisible Eagle**: The history of Nazi occultism. United Kingdom: Virgin Books, 2000. p. 19.

foi colonizada por seres espirituais da Lua, sendo a humanidade descendente desses ancestrais através das chamadas raças-raiz. A história humana teria se desenvolvido ao longo de sete delas, sendo que atualmente a Terra seria habitada pela quinta raça-raiz pertencente ao continente europeu, a raça ariana. Aqui podemos perceber os elementos racistas presentes nessa crença, com os arianos europeus sendo a “raça superior”, que mais tarde foram adotadas pelos nazistas.

De acordo com Baker, a Teosofia de Blavatsky deu muita ênfase à reencarnação. Por meio dela, os seguidores do movimento podiam imaginar-se como participantes de uma pré-história humana fabulosa, repleta de lugares mágicos, exóticos e perdidos, enquanto tinham certeza de que suas almas estavam em uma trajetória ascendente, prontas à salvação espiritual e à união final com Deus. A principal função exercida pela Teosofia no final do século XIX, foi oferecer às pessoas uma alternativa para que elas mantivessem sua fé religiosa, enquanto lidavam com as novas teorias, como a da evolução, que ameaçavam o seu estilo de vida e comprometiam sua visão de mundo anterior.

Na Alemanha foram fundados alguns grupos baseados na Teosofia de Blavatsky. O principal deles foi a Sociedade Teosófica Alemã, constituída em 22 de julho de 1884 na cidade de Elberfeld. O grupo ajudou a fomentar o interesse pelo ocultismo no país através da criação, em 1886, do periódico chamado *Die Sphnix*, uma mistura de pesquisas com um ponto de vista científico e acadêmico na área do psiquismo, da paranormalidade, da arqueologia e do misticismo cristão, com a intenção de confirmar os preceitos teosóficos. Tanto é que contava com contribuições de historiadores e filósofos. Outro difusor do ocultismo na Alemanha foi Franz Hartmann (1838-1912), com seu periódico *Lotusbluthen*, publicado entre 1892 e 1900. Esse periódico foi o primeiro a publicar a imagem da suástica em sua capa. No início do século XX, em 1906, foi fundada em Leipzig a *Editora Teosófica* por Hugo Vollrath, um discípulo de Franz Hartmann. Essa editora publicou um grande número de revistas e livros dedicados ao ocultismo. É importante ressaltar que grupos teosóficos também proliferaram em Viena, na Áustria, tais como a

Associação para o Ocultismo, o Clube de Leitura Esfinge e a Primeira Sociedade Astrológica Vienense.<sup>19</sup>

## **Ariosofia**

A inquietação pública ocasionada pelas mudanças econômicas, sociais e culturais do final do século XIX e a ameaça que isto representava à tradicional visão de mundo foram fundamentais para a ideologia *völkisch*, que visava lembrar o povo germânico da importância da sua identidade cultural. A combinação entre cultura e espiritualidade foi fortemente expressada por meio da doutrina da Ariosofia, originada em Viena, que consistia em uma mistura das teorias racistas *völkisch* com os conceitos teosóficos de Blavatsky. Em outras palavras, trata-se de uma ideologia esotérica baseada na superioridade da raça ariana, amalgamando o racismo, o antissemitismo, a Teosofia e o ocultismo. Ela propõe o retorno a uma idade dourada e pagã, na qual seus líderes seriam dotados de poderes ocultos. Seus dois principais expoentes foram os austríacos Guido von List (1848-1919) e Jorg Lanz von Liebenfels (1874-1954).

Nascido em Viena no dia 5 de outubro de 1874, filho de uma família de comerciantes de classe média, Guido von List foi um dos principais escritores e ideólogos *völkisch* e pangermanista antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Os seus discursos criaram uma base pseudocientífica para o racismo e para o nacionalismo extremado, permitindo ao povo germânico ligar seus ancestrais a um tempo de esplendor e pureza racial dos anciãos teutônicos e do deus Odin. Inspirado pela Teosofia de Blavatsky, List reconstituiu a pré-história germânica escrevendo nos mínimos detalhes eventos históricos que teriam acontecido muitos séculos antes, conseguindo “a partir dessas interpretações ocultistas nacionalizar o passado remoto de acordo com a ideologia contemporânea do pangermanismo”.<sup>20</sup>

Outro que influenciou o nacionalismo pangermânico por intermédio de suas visões místicas de caráter racista foi Jorg Lanz von Liebenfels. Nascido em Viena,

---

<sup>19</sup> BAKER, Alan. Op. Cit. p. 22.

<sup>20</sup> BARBOSA DA SILVA. Op. Cit. p. 103.

no dia 19 de julho de 1874 e pertencente à classe-média, contribuiu com a ideologia racista da época incluindo preconceitos e ideias científicas em uma doutrina gnóstica (aquele que busca o conhecimento das verdades divinas) que distinguia as raças loiras e negras como entidades cósmicas que trabalhavam, respectivamente, à ordem e ao caos do universo. Fundou em 1905 a revista *Ostara*, que mesclava ideias populares e antissemitas com arianismo, racialismo e esoterismo. Liebenfels, por meio da revista, reivindicava incessantemente a restauração da “raça loira” como a força dominante do mundo, a qual deveria ser alcançada por meio da promoção da pureza racial, da esterilização forçada ou do extermínio das chamadas raças inferiores, bem como pela destruição do socialismo, da democracia e do feminismo. Segundo Liebenfels os ários seriam “a obra-mestra dos deuses e estão dotados de poderes sobrenaturais e paranormais, emanados de ‘centros de energia’ e ‘órgãos elétricos’ que lhes conferem supremacia absoluta sobre qualquer outra criatura”.<sup>21</sup> A *Ostara* oferecia uma esperança de redenção levando à cabo uma política que salvaguardaria a raça ariana das raças sub-humanas.

Esse periódico conectou alguns elementos soltos no cerne da cultura *völkisch* como o “nacionalismo, o paganismo e o racismo, alinhando todas essas tendências em torno do núcleo razoavelmente estruturado do ocultismo, capaz de promovê-las de forma muito mais eficiente”.<sup>22</sup> Concomitantemente com a fundação da revista *Ostara*, Liebenfels criou a Ordem dos Novos Templários (ONT) em 1907. Para ele, o brutal desaparecimento dos Cavaleiros Templários representava a vitória das raças inferiores sobre a sociedade dos homens heroicos. O resultado teria sido o caos racial e a desordem do mundo moderno e, por essa razão, Liebenfels reestruturou a Ordem descrevendo-a como uma associação ariana de ajuda mútua fundada para promover a consciência racial mediante pesquisas genealógicas e heráldicas.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> LIEBENFELS, Jorn. **Ostara** (revista), 89 números. Áustria: Rodaun y Mödling, 1905-1917.

<sup>22</sup> BARBOSA DA SILVA. Op. Cit. p. 105.

<sup>23</sup> BAKER, Alan. Op. Cit. p. 26.

As ideias dos ariosofistas teriam influenciado o *Reichsführer* Heinrich Himmler na década de 1930, contribuindo em seus projetos acerca da pré-história germânica, especialmente seus planos visionários para o “Grande *Reich* Germânico” no terceiro milênio. Devido ao surgimento do neopaganismo e à constante antipatia em relação ao cristianismo pelos fascistas, a Ariosofia proporcionava a muitas pessoas um projeto de crenças religiosas que ignorava o “cristianismo em favor de uma mistura de tradições míticas e novos conceitos científicos da elite acadêmica contemporânea na Antropologia, na Etimologia, na História Antiga e na religião comparada”.<sup>24</sup> Inclusive, os ariosofistas utilizaram a teoria teosófica das raças-raiz para designar os judeus, ciganos, negros e eslavos, como sobreviventes da raça inferior Lemuriana, considerados como seres que deveriam desaparecer para a evolução plena dos arianos, a casta superior.

Embora as ideias de List e Liebenfels fossem inerentemente odiosas e violentas, elas permaneceram justamente como são, ideais. Muitos de seus seguidores, no entanto, tornaram-se cada vez mais inquietos e insatisfeitos com a falta de ação contra a suposta ameaça à raça ariana e ao seu modo de vida, ou seja, aqueles “seres inferiores” com quem foram forçados a compartilhar sua nação, em particular os judeus, que eram culpados pelos males da vida moderna. Nesse ambiente, muitos passaram a acreditar que o tempo da teorização acadêmica tinha passado e que era hora da ação direta.

### **A ordem dos germanos, a sociedade Thule e a sociedade Edda**

Em maio de 1912, foram fundados na Alemanha dois grupos influenciados pela ideologia *völkisch* e ariosofista, com o propósito de alertar os alemães dos perigos da influência dos judeus nos negócios e nas finanças do país: a *Germanenorden* e a *Reichshammerbund*. Esses grupos, antissemitas e racistas, ligavam-se à figura do alemão Theodor Fritsch, no qual o ódio nutrido pelos judeus também surgiu em decorrência dos medos da rápida industrialização comandada pela influência internacional judia e a ameaça que isso representava a pequenos

---

<sup>24</sup> GOODRICK-CLARKE. Op. Cit. p. 114.

comerciantes e artesãos. Esses grupos refletiam a convicção de que a atuação dos judeus na vida pública só podia ser o resultado de uma conspiração internacional secreta e, como tal, deveriam ser combatidos.<sup>25</sup>

A *Germanenorden* espalhou-se rapidamente pela Alemanha desde a sua fundação em 1912. Em julho, lojas já existiam nas cidades de Breslau, Dresden, Königsberg, Berlim e Hamburgo. No final daquele ano outras surgiram em Duisburg, Nuremberg e Munique. O objetivo principal dessas lojas era o monitoramento das atividades judaicas e a criação de um material antissemita para distribuição popular. Após o final da Primeira Guerra Mundial, a violência verbal da *Germanenorden* transformou-se em assassinatos contra figuras públicas, como por exemplo o homicídio de Matthias Erzberger, ex-ministro das finanças e chefe da delegação alemã da cidade francesa de Compiègne, onde foi assinado o armistício da guerra. A partir de 1917, a Ordem dos Germanos tornou-se o foco para sentimentos antissemitas e de extrema-direita na “odiada República de Weimar”. Quando Rudolf von Sebottendorf se juntou a *Germanenorden*, “a semente da lendária Sociedade Thule foi plantada”.<sup>26</sup>

A Sociedade Thule foi fundada em Munique, em julho de 1918, pelo alemão Rudolf von Sebottendorf – pseudônimo para Adam Alfred Rudolf Glauer (1875-1945) -, sendo ela um grupo *völkisch* racista batizado em homenagem à Última Thule, uma terra do polo norte (provavelmente a Islândia) que teria sido descoberta cerca de 400 a.C. Esse local foi considerado sagrado por Guido von List e outros nacionalistas alemães, pois teria sido o último refúgio dos antigos teutos que rejeitaram o cristianismo. Sebottendorf acreditava que a contaminação por outras raças tinha roubado dos arianos o seu conhecimento e que só poderiam o reconquistar mediante a purificação da raça. Disseminava seu pensamento entre a classe média e a classe trabalhadora por meio da sua revista chamada *Beobachter und Sportblatt*.

---

<sup>25</sup> BARBOSA DA SILVA. Op. Cit. p. 108.

<sup>26</sup> BAKER, Alan. Op. Cit. p. 29.

No contexto de fortalecimento da esquerda na Alemanha, no dia 9 de novembro de 1918, Sebottendorff fez um discurso que mistura sentimentos antissemitas e ariosóficos:

Ontem experimentamos o colapso de tudo o que era familiar, querido e valioso para nós. Em lugar de novos príncipes de sangue alemão, governa nosso inimigo mortal: o judeu. O que resultará desse caos, ainda não sabemos. Haverá um tempo de luta, da mais amarga necessidade, um tempo de perigo. Enquanto eu sustentar o martelo de ferro, estarei determinado a comprometer os Thule em luta. Nossa ordem é uma ordem germânica, a lealdade é também germânica. Nosso Deus é Walvater, sua runa é a Av-runu. E a trindade: Wotan, Wili, We, é a unidade trindade. A Av-runu significa o ariano, o fogo original, o sol e a águia. E a águia é o símbolo dos arianos. A fim de representar a capacidade da águia para o auto-sacrifício por meio do fogo, ela está pintada de vermelho. De hoje em diante nosso símbolo será a águia vermelha, que nos adverte que devemos morrer para poder viver.<sup>27</sup>

De acordo com Joachim Fest a Sociedade Thule influenciou o desenvolvimento do Nacional-Socialismo, uma vez que ela foi um importante ponto de encontro de membros da extrema-direita alemã, incluindo muitos que mais tarde se tornaram líderes do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), como Rudolf Hess e Hans Frank.<sup>28</sup> Por exemplo, contatos pessoais e organizacionais foram enviados diretamente da Sociedade Thule para o Partido dos Trabalhadores Alemães, os precursores do Partido Nazista. Contudo, não podemos considerar a Thule como uma predecessora direta do Nazismo, já que não havia uma relação formal entre as organizações.

Em novembro de 1925, foi a vez de Rudolf John Gorsleben fundar na cidade alemã de Dinkelsbuhl outra sociedade ocultista inspirada nas ideologias *völkisch* e pangermânica: a Sociedade Edda. Por meio do seu periódico *Arische Freiheit* (Liberdade Ariana), Gorsleben difundiu suas ideias racistas que se centravam no conceito de pureza racial e a reativação dos poderes ocultos que todo ariano possuía, mas que estavam atrofiados. Com estes poderes mágicos mais uma vez em sua plenitude, os arianos estariam em posição de dominar e controlar o mundo.

---

<sup>27</sup> SEBOTTENDORF, Rudolf. **Bevor Hitler kam**. Universidade Northwestern: Faksmile-Verlag/Versand, 1982.

<sup>28</sup> FEST, Joachim. **Hitler**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

Essa sociedade reiterava a noção *völkisch* de que a mistura das raças era prejudicial aos arianos e somente a eugenia e a segregação poderiam reverter a infecção racial do mundo.<sup>29</sup>

O elemento definidor das práticas ocultistas na Alemanha e na Áustria, nas décadas finais do século XIX e no começo do século XX, foi a percepção de que o mal e a corrupção eram provocados pelo mundo moderno, principalmente pela República de Weimar, considerada fraca e decadente. Para pessoas como List, Liebenfels, Blavatsky, Sebottendorf e seus seguidores, o futuro da humanidade não estava em um mundo industrializado, urbanizado e monetariamente internacionalizado, mas sim no retorno a uma antiga cultura ariana e a manutenção da sua pureza racial. Dessa forma, pensavam que os arianos eram herdeiros de um legado místico e fabuloso que remetia à pré-história: os reinos perdidos de Atlantis, Lemuria, Hiperbórea e Última Thule. Esta época dourada teria sido habitada por homens dotados de habilidades sobre-humanas, mas que desapareceram por causa da miscigenação com raças inferiores. Os movimentos ocultistas inspirados pelos ideais nacionalistas *völkisch* e pangermânicos esperavam forjar um *link* mágico e cultural com esse tempo perdido. Por meio da segregação e da exclusão racial restabeleceriam a hegemonia global dos “super-homens” arianos.

### **O nazismo era ocultista?**

Como observamos, muitos dos elementos da “religião nazista” não foram inventados do nada, uma vez que já faziam parte de crenças existentes entre os povos germânicos antes mesmo de se constituírem como um partido político. Personagens como Blavatsky, List, Sebottendorff e Liebenfels foram alguns dos responsáveis por popularizá-las: um sistema de hierarquia de raças, a importância de alfabetos antigos, o antissemitismo, a superioridade dos arianos e sua origem mítica, a astrologia, a crença em mitos pagãos e uma terra sagrada ariana. Esses elementos podem ser encontrados tanto no cerne do pensamento dos ariosofistas,

---

<sup>29</sup> BAKER, Alan. **Invisible Eagle**: The history of Nazi occultism. United Kingdom: Virgin Books, 2000.

dos teosofistas, da Ordem dos Germanos, da Sociedade Thule, da Sociedade Edda, nos movimentos pangermânico e *völkisch*, como também no Partido Nazista.

Para muitas pessoas daquela época, esta rede de mitos e ideias municiava a ideologia para a “defesa da identidade alemã frente a um mundo em mudança, e muitas dessas mitologias acabaram, associadas a outras influências, por encontrar a sua expressão definitiva na ideologia nazista”.<sup>30</sup> É razoável, portanto, afirmarmos que esses mitos influenciaram a formação ideológica nazista, o que não significa dizer que eram “verdadeiros ou que sejam o único elemento a ser levado em conta para entender o Nazismo”<sup>31</sup>, mas nos fornecem componentes importantes para compreendermos a sua ascensão ao poder, pois ajudando a pavimentar o seu caminho.

Apesar disso, a evidência de que Hitler participava de seitas ocultistas é muito fraca. Historicamente não tinha relações profundas com o ocultismo. Segundo o historiador Eric Kurlander, ele sempre foi mais cético em relação às teorias sobrenaturais muito usadas pela propaganda nazista. Contudo, ajudou a elaborá-las, já que seu discurso foi criado com base na mistura de argumentos pseudocientíficos, ocultistas e mitológicos, apelando para as emoções das massas. Se por um lado ele não aceitou todas as ideias esotéricas como alguns nazistas o fizeram, compreendeu a importância delas para angariar adeptos ao partido, pois reconhecia que seus apoiadores eram atraídos por ideias sobrenaturais e teorias da conspiração para dar sentido a um mundo cada vez mais complexo e ameaçador. Em outras palavras, as ideias esotéricas, ocultistas e pseudocientíficas se tornaram uma ferramenta poderosa de mobilização nazista, direcionadas para demonizar a esquerda e, principalmente, os judeus.<sup>32</sup>

Observamos, por exemplo, a superestimação da posição de Liebenfels em relação às políticas públicas do *III Reich* e ao próprio Hitler em alguns trabalhos citados aqui. Para Barbosa da Silva, não seria necessário muito esforço para constatar as implicações das ideias de Liebenfels no desenvolvimento do projeto

---

<sup>30</sup> BERTONHA, João Fábio. Op. Cit. p. 383.

<sup>31</sup> Ibidem. p. 383.

<sup>32</sup> KURLANDER, Eric. **Hitler's Monster**: a supernatural history of the Third Reich. New Haven: Yale University Press, 2017.

eugênico dos nazistas três décadas depois, mas “a história tradicional do Nazismo sempre passou ao largo dessas influências”.<sup>33</sup> O autor afirma que importância de Liebenfels seria corroborada com o primeiro artigo das regras da “Ordem dos Novos Templários” que a descrevia como uma sociedade racial na qual podiam se filiar apenas pessoas de sangue predominantemente puro, ou seja, pessoas mais ou menos loiras, de olhos azuis e de um aspecto “ário-heróico”. Além disso, destacou que a revista *Ostara* “chegou a influenciar os devaneios de Hitler em sua juventude em Viena e a moldar a concepção de mundo nacional-socialista”.<sup>34</sup>

Não se sabe exatamente o que Barbosa da Silva quis dizer com “história tradicional do Nazismo”, mas, em relação a isto, há que destacar que os programas racistas, e a elaboração de políticas públicas fundadas no pensamento eugenista, já foram extensamente investigados. Na historiografia (talvez considerada pelo autor como “história tradicional do Nazismo”), há um consenso estabelecido sobre o papel crucial de cientistas como Alfred Ploetz, Eugen Fisher e Ernst Rüdin, bem como de diversas instituições envolvidas na pesquisa e a elaboração de políticas de “Higiene Racial”, com destaque para o *Kaiser-Wilhelm-Institut für Anthropologie, menschliche Erblehre und Eugenik* (Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia), na elaboração e a implementação de políticas públicas de esterilização e de extermínio durante o *III Reich*. Qualquer estudo que busque dar sentido às políticas racistas do regime nazista deve levar em consideração esses fatores históricos.

De todo modo, mesmo considerando que Barbosa da Silva optasse por reafirmar estas posições sobre Liebenfels, teria sido importante a identificação de posições divergentes, em particular a expressa por Ian Kershaw, não só por sua contundência na avaliação do material probatório, mas pelo fato da biografia escrita por ele estar acessível em nosso mercado editorial, ainda que em uma tradução “reduzida”. Segundo Kershaw existem elementos em comum entre as “fantasias bizarras” de Lanz e o programa de seleção racial que a SS poria em prática durante

---

<sup>33</sup> BARBOSA DA SILVA, José. **História invisível**: uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do Nacional-Socialismo. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, 2009. p. 106.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 105.

a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, “é questionável se as ideias de Lanz influenciaram a SS de Himmler. É insustentável a reivindicação de Lanz de ocupar o lugar único na história de homem que deu a Hitler suas ideias”.<sup>35</sup> Da mesma forma, Goodrick-Clarke reiterou que essas brochuras racistas místicas (caso da *Ostara*) têm apenas a reputação de ter influenciado profundamente Hitler.<sup>36</sup>

É mais provável que Hitler tenha lido *Ostara* e outras publicações racistas que se destacam nas bancas de jornais vienenses. Mas, não podemos ter certeza. Se a lia, tampouco podemos saber no que acreditava. Suas primeiras declarações conhecidas sobre antissemitismo, feitas imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, não revelam traços da obscura doutrina racial de Lanz. Mais tarde, ele zombaria com frequência das seitas *völkisch* e dos extremismos do ocultismo germânico. Tanto quanto sabemos [...], ele nunca mencionou o nome de Lanz. Para o regime nazista, o bizarro racista austríaco, longe de ser elogiado, seria acusado de “falsificar o pensamento racial através de uma doutrina secreta”.<sup>37</sup>

Como afirma Bertonha, nem todas as ideias consideradas irracionais que os nazistas seguiam tinham origem no ocultismo, mas na mitologia nórdica, nas tradições racistas e antissemitas europeias. Mais uma vez, é razoável afirmar que as lojas, as revistas, os personagens e associações ocultistas e esotéricas tenham ajudado a fornecer elementos para a formação ideológica nazista, mas alguns autores “pecam por exagerarem a influência do oculto sem base documental que o comprove e, especialmente, por efetivamente acreditarem nas conexões místicas do Nazismo”.<sup>38</sup> Contudo, por causa dos elementos em comum e uma suposta aproximação com grupos ocultistas, desenvolveu-se no imaginário ocidental do pós-guerra uma elaborada mitologia em torno da ideia na qual os nazistas praticavam magia arcana com o objetivo de adquirir forças sobrenaturais para dominar o mundo. Isso foi representado em literaturas ocultistas e conspiratórias, principalmente, nas décadas de 1960 e 1970.

---

<sup>35</sup> KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 62.

<sup>36</sup> GOODRICK-CLARKE. *Ibidem*, 2004, p. 176.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 63.

<sup>38</sup> BERTONHA, João Fábio. *Op. Cit.* p. 382.

## **A relação do nazismo com as forças ocultas e das trevas no imaginário ocidental**

Como acabamos de analisar, a origem da fascinação pelo Nazismo, que afeta a vida ocidental desde o final da Segunda Guerra Mundial, tem claras antecedências históricas nas idiossincrasias do próprio regime e nos movimentos nacionalistas e ocultistas existentes na Europa que influenciaram a sua ideologia. O fato de terem incorporado certas características existentes no cerne do pensamento desses grupos, de terem transformado o regime praticamente em uma religião a ser seguida fielmente pelo povo e o fato da construção de Hitler como um messias salvador e protetor da pátria, teve uma consequência importante: influenciou na transformação do próprio Nazismo em mito nas décadas seguintes ao término da guerra por teóricos conspiratórios e por ocultistas.

Largamente estimulada pelo gênero sensacionalista, persiste até os dias de hoje a ideia na qual os nazistas eram inspirados por agentes ocultos ou das trevas antes mesmo de seu advento ao poder. Esse imaginário resultou em um grande fascínio e interesse por seus mistérios, principalmente pelo suposto envolvimento com seitas ocultistas e demoníacas como a Sociedade Thule e *Vril*, com reinos secretos no interior da Terra e com a busca pela Lança do Destino e pelo Santo Graal. Estes elementos discursivos são essenciais e centrais em quase todas as produções que mitificam o Nacional-Socialismo desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Compreende-se por imaginário um conjunto de imagens enraizadas no inconsciente coletivo de uma sociedade ou grupo social, abarcando todas as suas representações, formas de viver e de pensar, bem como as suas experiências coletivas e individuais. De acordo com Girardet, são quatro os principais mitos políticos presentes no imaginário de nossa sociedade: (1) o mito da Conspiração maléfica que tende a submeter os povos à dominação de forças obscuras e perversas (no qual se encaixa o caso nazista aqui examinado); (2) o mito do Salvador ou apelo ao chefe salvador, restaurador da ordem ou conquistador de uma nova grandeza coletiva; (3) o mito da Idade de Ouro — na qual convém redescobrir a felicidade — ou de uma Revolução redentora que permite à

humanidade entrar na fase final de sua história e assegurar para sempre o reino da justiça; (4) o mito da Unidade, ou seja, a ideia de uma sociedade coesa, feliz e igualitária.<sup>39</sup>

Um dos resultados da transformação do Nazismo em um mito conspiratório é que a especulação histórica passou a coexistir com que nós conhecemos de certeza sobre a Alemanha nazista, formando um elemento significativo da atitude do público frente aos seus principais personagens, principalmente Adolf Hitler. Quanto mais nós nos distanciamos no tempo dos eventos da primeira metade do século XX, mais provável é que as pessoas sejam introduzidas primeiramente ao tema através da indústria cultural e somente depois (ou não) por um professor de história. Consequentemente, as pessoas estão formando sua consciência histórica, uma atribuição de sentido para a experiência passada posta em relação ao presente, sobre o Nazismo por meio dessas produções, uma vez que pensamos historicamente, presentificamos o passado, de acordo com a bagagem e a produção cultural que nos cercam e nos afetam.<sup>40</sup> É essencial, portanto, discutirmos esse suposto envolvimento nazista com as forças das trevas para compreendermos melhor a enorme fascinação que o *III Reich* exerce sobre muitas pessoas.

O extermínio em massa dos judeus, a enorme destruição do continente europeu devido ao militarismo alemão e todas as mazelas provocadas em decorrência das táticas de guerra nazista “se combinaram para tornar Hitler e o Nacional-Socialismo objetos de condenação e de horror universais”.<sup>41</sup> Esses fatos ressoam com grande poder de atração desde a década de 1950, contribuindo com a construção da imagem demoníaca da Alemanha à época de Hitler. O endeusamento do *Führer* pelos alemães, o breve domínio do continente europeu, somado à natureza macabra e irracional das suas políticas racistas e antissemitas distinguiram o regime nazista de qualquer outro período da história da humanidade. O Nazismo foi estigmatizado como a reencarnação do mal, um relapso pagão monstruoso na comunidade cristã da Europa.

---

<sup>39</sup> GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>40</sup> RÜSEN, J. Razão histórica: **teoria da história** - os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

<sup>41</sup> GOODRICK-CLARKE. Op. Cit. p. 139.

No início da década de 1960, essa avaliação quase religiosa do Nazismo começou a exercer um horrível fascínio sobre a mentalidade ocidental. Se antes eram associados ao III Reich um intenso horror e repulsa, agora se podia perceber uma aura mística do Nazismo, uma apresentação sensacional e exagerada de suas figuras e de seus símbolos [...]. Histórias de fugitivos nazistas, incluindo Bormann, Mengele, e até mesmo os ressuscitados Himmler e Hitler (sobreviventes, no final das contas), nas entranhas da floresta Amazônica, nas capitais desérticas do Oriente Médio ou em obscuras ruelas de Londres e de Nova York tornaram-se lugar comum em ficção para as massas e obras não ficcionais especulativas. Frequentemente, os fugitivos tornavam-se conspiradores, procurando subverter nosso mundo liberal aparentemente seguro e restaurar seu poder em um Quarto Reich.<sup>42</sup>

Essa suposta sobrevivência está representada em inúmeras obras não-ficcionais especulativas produzidas principalmente na Inglaterra, França e Estados Unidos desde a década de 1950, que explicam o fenômeno e a ascensão nazista como sendo produto de influências demoníacas, ligando-o a sociedades secretas, sobrenaturais e ao oculto. Segundo essas produções, o Nazismo não pode ser explicado adequadamente por argumentos racionais ou materiais. Nenhuma análise empírica que centra seus argumentos somente em fatores sociais ou econômicos poderia justificar as suas atitudes vistas como irracionais e seus sucessos iniciais.

Isso acontece devido ao fato de que as teorias conspiratórias tentam esclarecer acontecimentos históricos que deixaram lacunas ou para os quais a explicação histórica não é suficiente para nos fazer compreender eventos que parecem fugir dos padrões de racionalidades, como é o caso do Nazismo. Por tudo o que representou o governo de Hitler para a história, o simples término desse governo suscita maiores questionamentos para os predispostos a acreditar em conspirações envolvendo o regime antes e após a guerra. A explicação simples e casual não é suficiente para essas mentes. Deve haver algo maior por trás de eventos como a Segunda Guerra Mundial. O historiador Michael Barkun afirma que essas pessoas preferem aceitar uma complicada teoria conspiratória ao invés das

---

<sup>42</sup> GOODRICK-CLARKE. Op. Cit. p. 139.

explicações geralmente aceitas dos processos históricos, tentando desvendar mistérios e segredos escondidos dentro deles.<sup>43</sup>

A mitologia do Nazismo explica que a ascensão do *III Reich* só foi possível graças ao seu envolvimento com poderes secretos que apoiavam e controlavam Hitler e seus seguidores. Todos os escritos desse gênero documentam uma “história secreta do Terceiro Reich, desconhecida dos historiadores convencionais, como um instrumento de poderes sombrios para a conquista de objetivos satânicos”.<sup>44</sup> Apesar do envolvimento dos nazistas com forças demoníacas, do mal, ser considerado por historiadores como bizarra e absurda, essa ideia está presente no imaginário ocidental desde o final do “*Reich* de mil anos”.

Nesse imaginário a possessão demoníaca de Hitler está ligada à formação de uma nova espécie humana, um super-homem ariano que se tornaria um deus entre os mortais. A geração dessa divina mutação seria, então, tarefa do Nacional-Socialismo que não era somente um simples movimento político, pois estava preocupado em alterar a própria natureza da vida na Terra. Segundo Goodrick-Clarke a fonte original dessas ideias foi o alemão Hermann Rauschning, no seu livro “*Hitler me disse*”, de 1939. Rauschning foi membro da classe dirigente prussiana conservadora e antigo presidente do Senado de Danzig, rompendo logo cedo com os nazistas.<sup>45</sup> Baseado supostamente em uma série de conversas com Hitler, o livro tinha a intenção de revelar o seu niilismo, seu fanatismo, sua personalidade instável e lasciva, mostrando que o inimigo alemão era inspirado por forças infernais, pois Hitler era o diabo encarnado:

Hitler estava se entregando a forças que o estavam levando para longe – forças de sombria e destrutiva violência. Ele imaginava que ainda tinha liberdade de escolha, mas era há tanto tempo cativo de uma magia que poderia muito bem ser descrita, não apenas como metáfora, mas literalmente, como a de espíritos malignos” [...]. “O Homem é Deus sendo fabricado... aqueles que veem no Nacional-Socialismo nada mais que um movimento político sabem muito pouco sobre ele. É mais até que uma religião: é a vontade de recriar a humanidade”. Hitler conclui triunfante: “O novo homem está entre nós! Ele está aqui!... vou lhes contar um segredo. Eu tive a visão

---

<sup>43</sup> BARKUN, Michael. **A culture of Conspiracy**: Apocalyptic Visions in Contemporary America. London: University of California Press, 2003.

<sup>44</sup> GOODRICK-CLARKE. Op. Cit. p. 142.

<sup>45</sup> Ibidem.

do novo homem – destemido e formidável. Eu me encolhi diante dele!<sup>46</sup>

Essas supostas conversas de Rauschning exerceram uma grande influência na formação da mitologia centrada na ideia de um Hitler demoníaco na década de 1960. O autor tinha como propósito demonstrar a entrega do *Führer* a poderes malignos, sugerindo um pacto satânico dos nazistas para obter a “transformação mágica da consciência e até de natureza física da vida na Terra, a inauguração de uma nova era”.<sup>47</sup> Os defensores da existência do poder oculto nazista apontam, repetidamente, os elementos místicos dessa conversa para comprovar a sua teoria.

A conexão dos nazistas com forças demoníacas e ocultas também foi reforçada pela suposta crença nos poderes espirituais do *vril*. Publicado em 1871, pelo escritor inglês Edward Bulwer-Lytton, o romance intitulado “*The Coming Race*” descreve a história de um aventureiro que explora uma mina desconhecida e acaba encontrando um imenso mundo subterrâneo habitado pela raça humana superior chamada *Vril-ya*.<sup>48</sup> Uma vez moradores da superfície, os *Vril-ya* foram forçados a refugiar-se no centro da Terra por causa de uma catástrofe natural ocorrida há milhares de anos. Sua tecnologia era muito avançada e não podia ser encontrada no mundo da “humanidade comum”, pois baseava-se na aplicação de uma força conhecida como *vril*. Todos os *Vril-ya* eram treinados para obter essa força que poderia ser usada para controlar o mundo físico, incluindo as mentes e os corpos das pessoas, bem como para melhorar as potencialidades telepáticas e telecinéticas da mente humana.<sup>49</sup>

Muitos ocultistas acreditam que a teoria da força *vril* exposta no livro *The Coming Race* era uma verdade disfarçada de ficção, pois quem se tornasse mestre dessa força poderia controlar totalmente a natureza. Bulwer-Lytton teria baseado seu romance em um conhecimento esotérico genuíno, ou seja, nos rosacrucianos: uma poderosa sociedade oculta surgida no século XVI, que reivindicava possuir

---

<sup>46</sup> RAUSCHNING, Hermann. **Hitler Speaks**. Londres: Thornton Butterworth, 1939. p. 243.

<sup>47</sup> GOODRICK-CLARKE. Op. Cit. p. 145.

<sup>48</sup> BULWER-LYTTON, Edward. **The Coming Race**. London: Hesperus Press, 2008.

<sup>49</sup> BAKER, Alan. Op. Cit. p. 47.

uma sabedoria antiga contendo os maiores segredos do universo (o estudo da tradição metafísica, mística, ocultista e alquímica moldava sua genealogia).

A conexão da força *vril* com os nazistas teria sido ato de Karl Haushofer (1869 – 1946), um geopolítico alemão cujas teorias deram origem ao conceito de *Lebensraum* (espaço vital) que Hitler acreditava ser essencial para a supremacia e domínio da raça ariana no continente europeu. Haushofer é frequentemente descrito pelos crentes na existência de poderes ocultos dos nazistas como praticante de magia oculta e o mágico mestre do partido nazista. A ideia de que ele era um adepto ao ocultismo foi primeiramente insinuada por Louis Pauwels e Jacques Bergier no livro “*O despertar dos Mágicos*”, que serviu como modelo para inúmeras outras publicações sobre o ocultismo nazista entre as décadas de 1960 e 1970.<sup>50</sup>

Louis Pauwels foi um escritor e jornalista francês conhecido por suas obras no campo da literatura esotérica, ficção científica e fantasia. Jacques Bergier, por sua vez, foi escritor, cientista e agente secreto francês durante a Segunda Guerra Mundial, fazendo parte da Resistência Francesa e da OSS, a organização de inteligência americana. De acordo com os autores, a liderança nazista estava empenhada em estabelecer contatos com uma todo-poderosa teocracia subterrânea com o objetivo de adquirir o conhecimento de seus poderes, os quais levariam a Alemanha conquistar o mundo inteiro. Pauwels e Bergier afirmaram que o verdadeiro objetivo de Hitler era realizar um ato de criação, “de operação divina... uma mutação biológica que resultaria em uma exaltação sem precedentes da raça humana e a aparição de uma nova raça de heróis, semideuses e homens-deuses”.<sup>51</sup>

Alianças podem ser forjadas com o Mestre do Mundo ou o Rei do Medo que reina sobre a cidade oculta, em algum lugar do Oriente. Aqueles que realizarem um pacto modificarão a superfície da Terra e concederão à aventura humana um novo significado por muitos milhares de anos... O mundo transformar-se-ia: os Senhores emergirão do centro da Terra. A menos que tenhamos feito uma aliança com eles e nos tornemos Senhores nós mesmos, encontrar-

---

<sup>50</sup> BERGIER, Jacques; PAUWELS, Louis. **O despertar dos mágicos**: introdução ao realismo fantástico. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

<sup>51</sup> Ibidem. p. 148.

nos-emos entre os escravos, no monte de estrume que nutrirá as raízes das Novas Cidades que surgirão.<sup>52</sup>

Para os autores Haushofer era o poderoso mentor ocultista de Hitler que o ensinava conhecimentos secretos derivados de poderes desconhecidos, além de acreditar na lenda de que a terra natal ariana, supostamente localizada no polo norte, teria sido o centro de uma civilização avançada detentora de poderes mágicos (poderes do *vril*). Conectando essa lenda com a Sociedade Thule, Bergier e Pauwels acreditavam que:

Thule teria sido o centro mágico de uma civilização desaparecida [...], mas nem todos os segredos de Thule haviam perecido. Criaturas intermediárias entre o Homem e outros seres inteligentes do além colocariam à disposição dos Iniciados [ou seja, membros da Sociedade de Thule] uma série de forças que podiam ser reunidas para tornar possível que a Alemanha dominasse o mundo... [seus] líderes seriam homens que sabem de tudo, obtendo sua força da própria fonte de energia e guiados pelos Grandiosos do Mundo Antigo [...]. Sob a influência de Karl Haushofer, o grupo assumiu sua verdadeira característica como uma sociedade de Iniciados em comunhão com o Invisível e se tornou o centro mágico do movimento nazista.<sup>53</sup>

A Sociedade Thule, nessa visão, seria moldada a partir da mitologia tibetana, baseada nos reinos subterrâneos secretos conhecidos como Agartha e Shambala. Enquanto a primeira seria a cidade da luz e da bondade, a segunda é descrita como a cidade da violência, da maldade e da escuridão, sendo governada pelo Rei do Medo, com quem poderia ser forjada uma aliança para governar o mundo. Hitler, influenciado por Haushofer e a Sociedade Thule, teria organizado inúmeras expedições na Alemanha, na Suíça, na Itália, na Europa Central e na Europa Oriental com o objetivo de encontrar a entrada desses reinos e se filiar a Shambala. O que, segundo Pauwels e Bergier, teria realmente acontecido.

Essa imagem sensacionalista da Thule e de seus membros, segundo Goodrick-Clarke, é quase completamente fictícia. Hitler nunca teria comparecido a uma única reunião de tal grupo. Mesmo que seu fundador Rudolf von Sebottendorff mantivesse certo interesse nas questões sobre ocultismo, um diário detalhado das

---

<sup>52</sup> Ibidem. p. 146

<sup>53</sup> BERGIER; PAUWELS. Op. Cit. p. 193.

reuniões da sociedade entre 1918 a 1925 menciona apenas duas conferências sobre esse assunto, sendo que todas as outras palestras se dedicavam a temas como a terra natal dos teutos, mitos e poesias germânicas, a lenda de Thule, os judeus e o sionismo e assuntos políticos do contexto. Não havendo, portanto, nenhuma prova que ligasse Haushofer ao grupo. E longe de ser um grupo ocultista com plenos poderes por trás do Partido Nazista, a Sociedade Thule era politicamente insignificante em 1920 e cessou suas atividades em 1925. “Durante e depois de seu apogeu em 1918-1919, a Sociedade Thule era definida por sua ideologia nacionalista e antisemita e um corpo de membros de classe média de Munique”.<sup>54</sup>

Hitler, inclusive, analisou as vantagens e os limites da existência de sociedades ocultas e secretas da Alemanha no seu livro “*Mein Kampf*”, afirmando que não era possível criar uma organização de tamanho considerável e, ao mesmo tempo, mantê-la secreta ou mesmo disfarçar seus objetivos. “Toda tentativa nesse sentido será de mil modos frustrada [...]. Não é em congregações secretas que se deve trabalhar, mas sim em imponentes manifestações populares”.<sup>55</sup>

A existência da ideia de uma sinistra e toda poderosa sociedade oculta secretamente controlando o *III Reich*, fascinou e fascina a mente de muitas pessoas. Embora certamente intrigante, as reivindicações e afirmações desses escritores ocultistas não possuem provas concretas (documentos ou testemunhas). No entanto, como é frequentemente o caso na área do ocultismo e das teorias conspiratórias, o caminho permanece aberto àqueles que acreditam e confiam em fontes ilegítimas (ou dúbias) para criar sua visão apaixonante, mas irreal, da história. Enquanto historiadores acadêmicos aceitam que alguns conceitos das sociedades ocultistas e folclóricas da Alemanha também estavam presentes na doutrina nazista, outros escritores reivindicam que eles foram realmente motivados por forças ocultistas existentes no mundo. Ou seja, há um universo maligno onde

---

<sup>54</sup> GOODRICK-CLARKE. Op. Cit. p. 152.

<sup>55</sup> HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Centauro, 2001, p. 404.

inteligências não-humanas influenciaram o destino da humanidade (para seus próprios fins) através dos nazistas.

### **Considerações finais**

Preocupamo-nos em demonstrar a existência de crenças ocultistas presentes em grupos nacionalistas racistas da Alemanha antes mesmo da formação do Partido Nazista e como alguns dos elementos dessas crenças fizeram parte da sua ideologia. Porém, muitos escritores do pós-guerra tentaram provar de todas as formas possíveis que o *III Reich* foi governado por um homem que era praticante de magia oculta e comandado por forças das trevas. Certamente, ocultistas *völkisch* como Guido von List e Lanz von Liebenfels contribuíram para essa formação mitológica sobre a era nazista com suas noções de super-humanos e arianos pré-históricos que habitam continentes desaparecidos. Contudo, não podemos superestimar o papel das crenças esotéricas e ocultistas na formação do Nazismo como fizeram os seus teóricos na década de 1960 e 1970. Há muitas suposições e especulações em torno das suas influências sobre o regime, mas nem todas baseadas em fatos ou fontes confiáveis. É preciso ter cautela ao avaliar informações relacionadas a esse tema.

Como afirma Bertonha, para entendermos a origem do pensamento nazista, devemos analisar organizações e pessoas que muitas vezes estão fora dos nossos padrões de racionalidade, mas que de alguma forma podem ter influenciado as ações do *III Reich*. Mas, é importantíssimo compreendermos que estas ideias estão inseridas em um contexto histórico específico, não as supervalorizando como se representassem a realidade. Analisar e entender a ascensão do Nazismo como consequência da ação de forças arcanas e sobrenaturais e Hitler como o produto de uma conspiração do inferno “pode ser até consolador e simplifica bastante as coisas, mas não nos ajuda a compreendê-los realmente e evitar a repetição do inferno real que eles criaram na Terra”.<sup>56</sup> Do ponto de vista da história, afirma

---

<sup>56</sup> BERTONHA. Op. Cit. p. 384.

Guterman, é mais importante analisar as raízes comuns da ideologia que permeava, com maior ou menor intensidade, “todos esses movimentos ocultistas ou secretos que acabaram por ajudar a criar o repertório retórico favorável ao Nazismo. Trata-se da ideologia *völkisch*”.<sup>57</sup>

Por mais que estas noções sejam relegadas a um segundo plano nas análises históricas, elas atraem os crentes da ideia de que apenas uma explicação sobrenatural, fora dos padrões oficiais da história, pode esclarecer as origens e ações do Nacional-Socialismo. De acordo com Goodrick-Clarke, os rápidos sucessos, tanto eleitorais quanto militares, a sua capacidade para a destruição, a irracionalidade do Holocausto (inexplicável em termos lógicos, pois os judeus foram massacrados por questões de preconceito, mitos e imagens antissemitas e não por serem uma verdadeira ameaça) e do seu pensamento, imploravam por uma interpretação religiosa que envolvesse uma guerra dualística no paraíso com inspiração satânica e com utilização das forças das trevas, pois nunca antes na história mundial um dano físico e moral tão grande foi associado ao nome de um homem e um regime: Hitler e o Nazismo.<sup>58</sup>

Entretanto, há grandes problemas nessa interpretação maniqueísta do passado nazista. Aparentemente não há necessidade de explicar que o Nazismo é do “mal” em consequência de ele ser assim universalmente entendido e, quase completamente, aceito acriticamente. Se “mal” é concebido como um substantivo (ou seja, como uma coisa) atribuímos-lhe uma essência ontológica própria. É então dizer que existe objetivamente e se manifesta em diferentes trajes, seja em Lúcifer ou em Hitler. Lúcifer faz certas coisas porque é mau e Hitler, nessa perspectiva, não parece ter sido moldado por forças ideológicas, culturais e históricas específicas, mas alguém que cometeu seus crimes por sua essência maligna. O recurso ao mal, assim, substitui a explicação ideológica e histórica por uma explicação ontológica da realidade, na qual o Nazismo só existiu por causa de sua natureza intrinsecamente má.

---

<sup>57</sup> GUTERMAN, Marcos. Op. Cit. p. 171.

<sup>58</sup> GOODRICK-CLARKE. Op. Cit.

Essa maldade permanece um grande mistério sem fim, sem chances de ser resolvido, e é essa inexplicabilidade do mistério que as pessoas compram de novo e de novo. O Nazismo, nesse sentido, segundo Eva Kingsepp<sup>59</sup>, apresenta-se como um perfeito produto de consumo, pois é visto pela indústria cultural não apenas como um evento histórico de caráter significativo, mas sim enquanto uma mercadoria comercializável, um produto que pode ser trocado por dinheiro e consumido como qualquer outro. Isso o transforma, da mesma forma que a Segunda Guerra Mundial, em um objeto vazio de sentido, porque sua única função agora é entreter.

De fato, ao longo das últimas décadas do século XX, a indústria cultural ajudou a difundir a representação dos nazistas como a epítome do mal no cerne da cultura popular ocidental por meio de filmes, romances, jogos de vídeo games e documentários. Por exemplo, os filmes “Indiana Jones e os caçadores da Arca Perdida” de 1981, “Capitão América: o primeiro vingador” de 2011, “Contato” de 1997, “Hellboy” de 2004 e “*The boys from Brazil*” de 1978, utilizaram Hitler e o nazistas de forma descontextualizada e demonizante. A mesma afirmativa vale para os documentários do canal “*History Channel*”: “A fuga de Hitler” de 2011, “Conspiração Nazi: plano para tomar a América Latina” de 2011, “Continente Nazi” de 2015 e “Caçando Hitler” de 2016.

Como nos explica John Lukacs, ao afirmarmos e pensarmos que os nazistas eram representantes de forças malignas na Terra, tendo em Hitler a imagem do demônio, “falhamos duas vezes”. Se eles eram do mal, então todo o período hitlerista nada mais foi do que um caso de maldade, loucura, tornando-se irrelevante pensar mais no assunto. Definindo Hitler dessa forma, exonera-o de toda a sua responsabilidade:

Não devemos esquecer que o mal, assim como o bem, faz parte da natureza humana. Nossas inclinações para o mal (amadureçam elas em atos ou não) são responsáveis, mas também normais. Negar essa condição humana implica a afirmação de que Hitler era anormal, e a rotulação simplista de “anormal” aplicada a ele

---

<sup>59</sup> KINGSEPP, Eva. Hitler as Our Devil? Nazi Germany in Mainstream Media. In: BUTTSWORTH, Sara; ABBENHUIS, Maartje. **Monsters in the Mirror: Representations of Nazism in Post-War Popular Culture**. Santa Bárbara, Califórnia: Praeger, 2010.

exonera-o de toda a responsabilidade – e, na verdade, definitivamente.<sup>60</sup>

Além disso, o autor afirma que existe a forte possibilidade de que a maioria das pessoas não queira confrontar um Hitler “humanizado”, pois tal figura sugere inerentemente que um novo Hitler poderia surgir novamente, ou que existe algum “Hitler” em todos nós.

Por fim, é importante ressaltar que a instrumentalização de crenças esotéricas, conspiratórias e pseudocientíficas ajudou o Partido Nazista a atrair apoiadores que buscavam novas explicações de mundo, bem como a desumanizar seus inimigos e perseguir suas ambições imperiais e raciais. Essas crenças formadas no final século XIX ainda se reproduzem em nosso presente, sendo recicladas por vários grupos neonazistas da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil, fornecendo-lhes argumentos revolucionários, uma vez que se sentem prejudicados e ameaçados de perder sua identidade e tradição cultural frente a sociedades multiculturais e multirraciais. Portanto, buscam reforçar suas identidades. Não é por acaso que muitos grupos de extrema-direita acreditam em teorias da conspiração, como o Q’Anon e o Marxismo Cultural, ou negam o Holocausto. É por tais constatações que nos parece fundamental analisar esses fenômenos culturais de forma científica, na medida que alicerçam ideologicamente os grupos supremacistas do presente.

## Referências bibliográficas

ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

ATHAIDES, Rafael. O fascismo genérico e o Integralismo: uma análise da Ação Integralista Brasileira à luz de recentes teorias do fascismo. In: **Diálogos** (Maringá. Online), v. 18, n.3, p. 1305-1333, set.-dez./2014.

BAKER, Alan. **Invisible Eagle: The history of Nazi occultism**. United Kingdom: Virgin Books, 2000.

---

<sup>60</sup> LUKACS, John. **O Hitler da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 52.

BARBOSA DA SILVA, José. **História invisível:** uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do Nacional-Socialismo. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, 2009.

BARKUN, Michael. **A culture of Conspiracy:** Apocalyptic Visions in Contemporary America. London: University of California Press, 2003.

BERGIER, Jacques; PAUWELS, Louis. **O despertar dos mágicos:** introdução ao realismo fantástico. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

BERTONHA, J.F. **Nazismo, ocultismo e conspirações.** História Unisinos, 2007, vol 11, nº 3, 381-384.

BREPOHL DE MAGALHÃES, Marion. **Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880/1945.** Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 109.

BREPOHL DE MAGALHÃES, Marion. **Pangermanismo e nazismo:** a trajetória alemã rumo ao Brasil. Curitiba: Samp, 2014.

BULWER-LYTTON, Edward. **The Coming Race.** London: Hesperus Press, 2008.

FEST, Joachim. **Hitler.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. **Sol negro:** cultos arianos, nazismo esotérico e políticas de identidade. São Paulo: Madras, 2004.

GRIFFIN, Roger; FELDMANN, Mathew (Orgs.). **Fascism:** Critical Concepts in Political Science. vol 1. Londres: Routledge, 2004.

GUTERMAN, Marcos. **A moral nazista:** Uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013.

HITLER, Adolf. **Minha Luta.** São Paulo: Centauro, 2001.

KERSHAW, Ian. **Hitler.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KINGSEPP, Eva. Hitler as Our Devil? Nazi Germany in Mainstream Media. In: BUTTSWORTH, Sara; ABBENHUIS, Maartje. **Monsters in the Mirror:** Representations of Nazism in Post-War Popular Culture. Santa Bárbara, Califórnia: Praeger, 2010.

KURLANDER, Eric. **Hitler's Monster:** a supernatural history of the Third Reich. New Haven: Yale University Press, 2017.

LIEBENFELS, Jorn. **Ostara** (revista), 89 números. Áustria: Rodaun y Mödling, 1905-1917.

LUKACS, John. **O Hitler da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LUZ, Tiago. **Nazismo e misticismo alemão no início do século XX**. Monografia (História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

RAUSCHNING, Hermann. **Hitler Speaks**. Londres: Thornton Butterworth, 1939.

RÜSEN, J. Razão histórica: **teoria da história** - os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

SEBOTTENDORF, Rudolf. **Bevor Hitler kam**. Universidade Northwestern: Faksmile-Verlag/Versand, 1982.

**Recebido em 23 de fevereiro de 2023**  
**Aprovado em 20 de maio de 2023**